

Tons de afeto

Vivemos um momento que poderá ser favorável para a redefinição das formas de amar.

As nossas vidas não comungam dos afetos das famílias felizes da publicidade. Mas esta fantasia poderá promover muito sofrimento a quem se revê neste ideal que, de algum modo, impregna a sociedade.

O afastamento ou a permanente coabitação, provocados por esta pandemia, poderão levar à reavaliação dos tipos de contacto que cada um sente ser mais saudável. Alguns casais têm-no definido intuitivamente, outros necessitarão de redefinição e cedências.

No contexto familiar alargado, o grau de necessidade de proximidade dependerá da ligação afetiva criada e da essência de cada um.

Pessoas há em que a exigência deste afastamento tornou as relações mais próximas.

Relacionamentos melhoraram à distância. Não quer dizer que amem mais, ou menos. Por não haver equipamento para medir amor, esta quantificação não faz sentido! Cada um ama à sua dimensão e no modo de se expressar. De acordo com o que recebeu e na intensidade da sua forma de ser.

Intuir que a proximidade permanente é a mais elevada demonstração de amor, poderá ser injusto para quem amar necessita, também, de recolhimento.

Na paz das relações importa o respeito pela diversidade de amar e demonstrar amor.

Lygia O. Vicent

Maker da técnica da Astro-Numerologia Pitagórica e Eneagrama - Conceito

Human Work: humanworkpt@gmail.com

Autora: “Quando a Vida nos Muda a Vida”



e “Nove Formas de Ser”

